

VISÃO DO CORREIO

O Brasil num mundo de mais incertezas

Os dados da economia mundial devem ser vistos com muita atenção pelo governo brasileiro. Os números captados nos quatro cantos do planeta apontam que um processo de desaceleração da economia está em curso, e isso terá seu preço para o Brasil, que, em 2023, se aproveitou muito dos ventos globais positivos que ainda estavam soprando, o que resultou em um saldo recorde da balança comercial de quase US\$ 100 bilhões. Em 2024, certamente, o comércio internacional tenderá a andar a passos mais lentos, reduzindo a força de um dos pilares que sustentaram o avanço do Produto Interno Bruto (PIB) na casa de 3%.

O nível de atividade nos Estados Unidos, a principal locomotiva do mundo, está fraquejando, o que levou o Federal Reserve (Fed), o Banco Central norte-americano, a sinalizar um possível corte nas taxas de juros nos próximos meses. Nos últimos dias, vários indicadores importantes endossaram esse quadro. A produção industrial registrou queda de 0,3% em janeiro, quando os analistas esperaram alta de 0,2%. As vendas do varejo computaram um tombo ainda maior, de 0,8%. No mercado imobiliário, com peso importantíssimo no PIB do país, tanto as vendas quanto as construções de imóveis despencaram entre 20% e 30% frente ao mês anterior.

O que mais tem perturbado os analistas é que, mesmo com esse enfraquecimento da economia dos EUA, a inflação se mantém resistente e voltou a surpreender para cima. No mês passado, os preços aos consumidores acusaram elevação de 0,3%, acima do projetado pelo mercado (0,2%). Já os preços no atacado saltaram 0,3% ante o 0,1% projetado, com o núcleo da inflação, que desconta fatores atípicos, aumentando 0,6%. Nesse contexto de atividade fraca, mas com custo de vida em alta, o Federal Reserve terá mais dificuldade para calibrar os juros. Havia um quase consenso de que as taxas baixariam a partir de maio, agora, já se discute o início dos cortes em junho. Essa incerteza prejudica,

sobretudo, os países emergentes, como o Brasil, que veem os investidores travados num ambiente de riscos consideráveis.

No Reino Unido, a recessão já chegou. O PIB do quarto trimestre de 2023 recuou 0,3%, depois de ter contraído 0,1% entre julho e setembro. No acumulado do ano, a economia britânica avançou apenas 0,1%, nada perto dos 4,3% observados em 2022. No Japão, a atividade também tombou nos três últimos meses do ano passado. A expectativa era de crescimento de 0,2% frente ao trimestre imediatamente anterior, mas houve queda de 0,1%. Na União Europeia, não foi diferente. O PIB caiu 0,1% entre outubro e dezembro últimos, fazendo com que o resultado final do ano tivesse incremento de minguado 0,5%.

O Brasil, ressalte-se, está longe de uma recessão. Mas há um movimento leve de desaceleração em curso. Os sinais do primeiro trimestre são de um PIB melhor que o projetado, mas há preocupações com o restante do ano. Será preciso que o governo mantenha firme o compromisso de ajuste nas contas públicas, permitindo que o Banco Central possa continuar cortando a taxa básica de juros (Selic). Se os gastos federais não saírem do controle, será possível que a autoridade monetária leve a Selic, que está em 11,25%, até 8,75% ao ano em dezembro, um afrouxamento e tanto.

A queda dos juros iniciada no ano passado ainda não teve efeito na atividade. Esse processo leva de seis a nove meses. Assim, espera-se que, no segundo semestre, a política monetária menos restritiva estimule os investimentos e o crédito ao consumo. São instrumentos importantes para manter a roda da economia girando. O governo tem a seu favor a inflação mais baixa. No atacado, são dois meses seguidos de queda dos preços. Ou seja, esse movimento chegará aos consumidores, como se viu nos primeiros meses de 2023. Portanto, paciência e bom senso farão muito bem ao Brasil neste mundo cada vez mais complexo e imprevisível.

OI, GATA!
PODE ME
PASSAR
O SEU
NÚMERO?



DEPENDE
MUITO
DE ONDE
VOCÊ
PRETENDE
ESTAR
NO DIA
25...



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato.
» E-mail: sredat.df@dabr.com.br

Aliados da morte

O número de casos de dengue cresce exponencialmente no país. No DF, a alta de pessoas afetadas pelo vírus da *Aedes aegypti* passou de 1.600% na comparação com o mesmo período do ano passado. A covid-19 ainda vem ceifando vidas. Ainda assim, há autoridades que se colocam contra as vacinas. Será que se esqueceram da mortalidade em massa provocada pela pandemia de covid-19? Foram milhões de óbitos em todo o mundo. No Brasil, mais de 700 mil vidas foram perdidas. O que esses governantes ganham com essas verdadeiras chacinas provocadas pelos vírus? Que desamor é esse pela vida das pessoas? Qual é o motivo de tanta crueldade, decorrente do negacionismo estúpido, quando há remédios contras essas doenças letais? Não há nenhuma lógica em recomendar que as pessoas ignorem as vacinas. É pura maldade e descompromisso inquestionável com mulheres, homens, crianças, jovens e idosos. É radical o descompromisso com a vida. Causa muita tristeza constatar que há governantes tão ruins neste país, que são aliados de primeira hora com a morte. São seres infelizes e querem espalhar a infelicidade e a tristeza nos quatro cantos do país.

» Paula Vicente

Lago Sul

Penitenciárias

Sensata e coerente a *Visão do Correio* — *Presídios exigem reformas e correção* (17/2). Mas além disso, como declarou o ministro Silvio Almeida, dos Direitos Humanos e Cidadania, falta política de Estado para o sistema penitenciário do país. Os dois fugitivos da penitenciária de Mossoró, no Ceará, são homens jovens, aliciados pelo crime organizado (Comando Vermelho). Assim, como eles, há muitos jovens sendo cooptados dentro e fora dos cárceres por esses grupos criminosos. As reflexões das autoridades, muitas sabedoras das causas que levam a juventude para o descaminho e ao encontro com o crime, não resultam em políticas públicas adequadas. Há centenas de presidiários que cumprem pena sem que tenham sido julgados, e, entre eles, há inocentes. A provável revolta desses detentos os aproximam das organizações criminosas, resultado da ausência de uma política séria para o sistema. Do lado de fora, há uma força de (in)segurança vingativa. É fácil prever que não será fácil ao atual e ao futuros governos eliminar tantos desajustes que, ao fim e ao cabo, favorecem a expansão da criminalidade e da violência.

» Joaquim Gomes Silveira

Taguatinga

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

Ou uma coisa, ou outra. Ou consegue um habeas corpus preventivo, ou leva uma malinha com itens pessoais para o ato na paulista.

Abrahão F. do Nascimento — Águas Claras

O bom senso voltou às casernas. O ministro da Defesa, José Múcio, e os comandantes das Forças Armadas, acertaram que não haverá comemorações em 31 de março, quando o golpe militar completa 60 anos. A ordem é distensão.

Henrique Mário Duarte — Park Way

Aliados de Bolsonaro estão pensando duas vezes se participarão da manifestação marcada para o próximo dia 25, em São Paulo. Prudência nunca faz mal a ninguém.

Jonas Oliveira — Octogonal

Manifestação

Bolsonaro continua se achando o “mito” e, com a certeza, que ainda é o cara certo para angariar muitos votos para os candidatos do seu partido que querem disputar as eleições deste ano. Bolsonaro continua arrogante, mesmo sabendo que poderá ser preso a qualquer momento. Com uma enxurrada de evidências de que ele comandou a tentativa de golpe frustrada contra o Estado de direito. Bolsonaro continua demonstrando que não está morto e, com alta confiança nos seus apoiadores, divulgou nas redes sociais um vídeo convocando todos para uma manifestação na Avenida Paulista, no próximo dia 25, pedindo que todos venham vestidos de verde e amarelo. Segundo ele, será uma manifestação pacífica e de apoio à democracia. O risco de alguns dos seus apoiadores, na manifestação, cometerem alguns afrontamentos à democracia e às autoridades do STF, será grande, e ele não terá como evitar.

» Evanildo Sales Santos

Gama

Financiamento

O Brasil costuma ser um laboratório de excelência para comprovar a máxima de que todo problema complexo admite pelo menos uma solução simples, e errada. Um evento, à época, a confirmar o ditado foi a proibição de doações empresariais a partidos e candidatos. Exemplo de suposta boa ideia que resultou no contrário do pretendido. Beneficiaram-se na prática, principalmente: 1) ricos a fim de torrar uma grana para divertir-se na política; 2) candidatos de nichos habituados a lidar com dinheiro vivo; 3) candidatos apoiados por empresários dispostos a dar auxílio material a título de trabalho voluntário, aberto ou clandestino; e, naturalmente, 4) o establishment político. Está na hora, então, de fazer autocrítica. Está na hora de voltar com o financiamento empresarial, que não, necessariamente, é sinônimo de corrupção. Certos países resolveram isso bem, e um exemplo funcional são os Estados Unidos. É verdade que a cultura ali é diferente. Enquanto, aqui, as doações empresariais são tratadas como crime potencial, lá, pelo contrário, chegam a ser um parâmetro positivo e fundamental para medir a força política do candidato. Liberar o financiamento eleitoral é o elemento central de uma preocupação mais ampla: reduzir as amarras e os constrangimentos impostos à atividade política. Se eliminássemos, simultaneamente, o financiamento público e os horários obrigatórios no rádio e na TV, e fosse mantida a cláusula de desempenho, promoveríamos uma reforma partidária instantânea. Não mais faria diferença o número de partidos. Não seria bom?

» Renato Mendes Prestes

Águas Claras



ANA DUBEUX

anadubeux.correio@gmail.com

Não vamos ideologizar a fé

Passado o carnaval, o ano toma seu rumo. Começa a caminhada, que promete ser apressada. Mas, neste domingo, que encerra a temporada de festas (sim, ainda tem gente se esbaldando por aí), quero retomar um tema que visitou o noticiário — visitou é modo de dizer: na verdade, rendeu a folia inteira.

A conversa em torno do sagrado foi para cima do trio. Ivete Sangalo e Baby do Brasil protagonizaram o embate, provocado por Baby que fez o que não deveria: evangelizar a folia, reverberando suas previsões apocalípticas. Ivete deu o troco e convidou o público a “macetar o apocalipse” previsto por Baby, fazendo o que estava ali para fazer: a alegria de seu público.

Retomo o assunto que viralizou apenas por um motivo. Apesar de um evento sem grandes proporções, entendo que é um momento que nos chama a refletir sobre o uso indevido de crenças e religiões em outras dimensões, que não sejam a íntima, a pessoal, a familiar, a comunitária.

O Brasil é um país laico e preocupa muito que o sagrado de cada um de nós

seja colocado como moeda de troca na política, por exemplo. Estamos em ano eleitoral. O país ainda não conseguiu se livrar da imensa polarização e radicalização. Religião não é partido político, nem deve ser bandeira ideológica.

A fé das pessoas tem sido usada indevidamente para semear discórdia e fomentar ódio a políticos que não comungam da mesma visão de outros. O sagrado não deve estar a serviço do poder — ou da briga por ele.

Este é um erro frequente. No país que tem mais templos do que escolas e hospitais, temos de ser vigilantes para não cair nessa armadilha, ainda mais com a inteligência artificial, que pode ser usada para todo tipo de manipulação. Vivemos ainda a ressaca de um período de ataques à nossa democracia, é bom lembrar.

Sou uma pessoa de fé inabalável. E me sinto pessoalmente ofendida quando qualquer um usa minha crença para incutir ideias que nada tem a ver com o divino. O sagrado, para cada um de nós, deve ser uma força que constrói e não instrumento de manipulação — seja no carnaval, seja na eleição.

CORREIO BRAZILIENSE

“Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houvera, lá chegara”
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

Valda César
Superintendente de Negócios e Marketing

VENDA AVULSA

Localidade	SEG/SÁB	DOM
------------	---------	-----

DF/GO	R\$ 4,00	R\$ 6,00
-------	----------	----------

Assine

(61) 3342.1000 - Opção 01 ou (61)99966.6772 WhatsApp

* Preços válidos para o Distrito Federal e entorno.

Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) ou (61)99158.8045 WhatsApp, para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.

Anúncio

Publicidade: (61) 3214.1339
Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 WhatsApp
Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 WhatsApp

ASSINATURAS *

SEG a DOM

R\$ 899,88

360 EDIÇÕES

(promocional)

S.A. CORREIO BRAZILIENSE - Administração, Redação e Oficinas Edifício Edilson Varella, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339.



Endereço na Internet: <http://www.correiozweb.com.br>
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFP, Agência Estado e DA Press. Tel: (61) 3214-1131



D.A Press Multimídia
Atendimento pessoal para pesquisa em jornais e cópias:
SIG Quadra 2, nº 340, bloco I, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF; de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/
sábados, das 14h às 21h/ domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1568.
E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.dapress.com.br